



FREGUESIA DE SÃO MARTINHO
História e Tradição

Junta de Freguesia de São Martinho (Sintra)

FREGUESIA DE SÃO MARTINHO
História e Tradição

FREGUESIA
DE SÃO MARTINHO
História e Tradição

João Rodil

FICHA TÉCNICA

Titulo:	Freguesia de São Martinho – História e Tradição
Edição:	Junta de Freguesia de São Martinho 1.ª edição, Março 2007
Autor:	João Rodil
Fotografia:	Arquivo Municipal de Sintra, Francisco Nunes e autor
Copyright:	Junta de Freguesia de São Martinho
Foto de Capa:	Francisco Nunes
Depósito Legal:	254019 /07
ISBN:	978-989-20-0551-5
Concepção Gráfica e Paginação:	Ideia Prima, Lda.
Impressão e Acabamentos:	Gráfica Europam, Lda.
Tiragem:	1 000 exemplares

PREFÁCIO

São Martinho é uma freguesia com um percurso histórico, cultural e social de grande importância para o entendimento da História de Sintra e de Portugal. Abarca no seu território uma parte muito significativa do património natural e cultural do concelho e preserva, na sabedoria popular, o que de mais genuíno existe na memória colectiva do povo sintrense.

Por isso, decidiu o Executivo da Junta de Freguesia de São Martinho fixar esses valores patrimoniais em forma de livro – com rigor científico mas de leitura acessível – para que os presentes e as gerações vindouras possam obter informação sobre a História e Tradição da Freguesia de São Martinho, e dela se possam orgulhar.

Com este propósito, achou por bem o executivo da Junta de Freguesia solicitar ao historiador João Rodil, natural de Sintra, e que muito tem feito na divulgação do nosso Concelho, que levasse a cabo essa tarefa, árdua e complexa, pela amplitude histórica da nossa região.

É esse trabalho que, a partir de agora, se encontra disponível e ao alcance de todos. E essa é também uma obrigação fundamental daqueles que são responsáveis pela gestão autárquica da freguesia: divulgar e promover os valores históricos, patrimoniais e sociais do seu território e das suas gentes.

Assim fizemos, porque a Freguesia de São Martinho merece.

O Presidente da Junta
de Freguesia de São Martinho
Adriano Filipe



Executivo

Adriano Caetano Filipe

PRESIDENTE

Manuel Fernando Alves Pereira

SECRETÁRIO

João Guilherme Valente de Oliveira

TESOUREIRO

Assembleia de Freguesia

António Jorge da Fonseca Manata

PRESIDENTE

Carlos Alberto Duarte Graça

1.º SECRETÁRIO

Patrícia Alexandra Almeida Pinto

2.º SECRETÁRIO

Filipe Vidal Moreira

VOGAL

Carlos Augusto do Couto Julião

VOGAL

Luís Manuel Frutuoso Duarte

VOGAL

João Manuel Gouveia Ramos

VOGAL

Paulo Duarte dos Santos Pedroso

VOGAL

Carla Marília de Melo Lopes Girão Boaventura

VOGAL

INTRODUÇÃO

A História da Freguesia de São Martinho transcende, em muito, as suas fronteiras geográficas. Verdadeiro coração de Sintra, já que a sede da freguesia se situa – e sempre se situou – em pleno Centro Histórico da vila Património da Humanidade, São Martinho abarca muita da História de Sintra, de Portugal e até do Mundo. No seu território, amplo e variado, que vai da chamada Vila Velha, com o seu ar aristocrático feito de palácios e chalets, até à charneca saloia, onde as raízes culturais ainda estão bem patentes, as tradições e a memória colectiva são mantidas e fomentadas.

São Martinho permite, portanto, uma viagem temporal que pode ir da Pré-história à Romanização; da ocupação e cultura árabe à Fundação de Portugal; da Idade Média aos nossos dias. E essa viagem alucinante de milénios de ocupação humana é capaz de nos fascinar, não só pela existência, no seu território, de alguns dos mais belos e significativos monumentos arquitectónicos e locais de extrema beleza paisagística, mas ainda pela história dos homens e mulheres que fizeram desta região uma das mais belas do país e do mundo.

Contar a História da Freguesia de São Martinho é, pois, uma tarefa complexa, árdua no manancial de informação existente. Mas também é um trabalho aliciante, de profunda admiração por esta terra encantada, de enorme satisfação interior na descoberta dos segredos, no fascínio das estórias da história, no comungar dos mistérios das suas gentes.

Este trabalho é uma tentativa de legar, de compilar e de divulgar a informação histórica existente sobre a freguesia de São Martinho. Muitos foram os investigadores que, ao longo dos séculos, trabalharam parcelas dessa informação, ora pesquisando a história dos monumentos, dos locais, dos acontecimentos ou dos aspectos etnográficos da região.

Mesmo assim, e apesar de todos esses estudos desenvolvidos ao longo dos tempos, aos quais desejamos juntar o presente trabalho - com a devida modéstia - a História desta freguesia estará longe de se completar. Porque este é um lugar vivo, com espírito, com um passado rico e misterioso que se vai revelando a cada passo e um futuro dinâmico sempre em constante desenvolvimento.

Contudo, é justo que aqui prestemos homenagem a alguns dos espíritos mais esclarecidos que, com a sua dedicação e saber, muito contribuíram para a construção da História de Sintra em geral e, em particular, para a História da Freguesia de São Martinho, mesmo correndo o risco, sempre elevado, de nos esquecermos de muitos. Mas os contributos de investigadores como o Visconde de Juromenha, Conde de Sabugosa, José Alfredo da Costa Azevedo, Francisco Costa, José de Oliveira Boléo, José Cardim Ribeiro, Vítor Serrão e Sérgio Luís de Carvalho, foram da máxima importância para a elaboração desta obra. Ao trabalho deles acrescentamos o nosso, sempre com a devida vénia. Agora, apenas pretendemos que este livro sirva de base e de catalisador para que as gerações vindouras continuem esta interminável tarefa que é a de contar a História da Freguesia de São Martinho.

Sintra, Inverno de 2007

João Rodil

História da Freguesia de São Martinho



*Já a vista pouco a pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavam;
Ficava o charo Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nella os olhos se alongavam;
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já, depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e céu."*

*Luís de Camões
Os Lusíadas*

1

Da pré-história à romanização

A freguesia de São Martinho é o coração de Sintra. Sedeada em pleno centro histórico da chamada Vila Velha, por ela passa grande parte da História do concelho.

Nasce esta freguesia nas abas da Serra de Sintra, contendo em si, para além do aglomerado urbano da Vila, algumas das quintas mais significativas, prolongando-se numa faixa mais ou menos rectangular pelo vale do Rio das Maçãs até à charneca saloia.

De clima ameno e vegetação luxuriante, o território da freguesia de São Martinho foi o mais procurado como estância dilecta dos monarcas portugueses, da corte que os acompanhava, e serviu para que essa nobreza e burguesia endinheirada aqui edificassem as suas casas de veraneio. Por isso, pode-se afirmar que São Martinho é, também, o rosto aristocrático de Sintra.

Mas no seu espreguiçar pelos campos sintrenses, a freguesia abarca núcleos habitacionais eminentemente rurais, de raízes profundas abaceladas no solo fértil da região. E aqui é a cultura e a tradição popular dos “*çahroi*”, esse homem saloio que imprimiu na paisagem de Sintra uma matriz muito própria, original, e que ao longo dos séculos guardou, no cofre imenso de todo um povo, uma sabedoria empírica, transmitida de geração em geração, e que constitui hoje a verdadeira identidade e memória colectiva da cultura popular sintrense.

E é neste pulsar entre história real e popular, neste misto perfeito de beleza natural e construída, a emanar conhecimento a partir do centro do concelho, que a freguesia de São Martinho pode ser comparada ao coração de Sintra.

Povoada desde a Pré-história, a freguesia é rica em vestígios arqueológicos que comprovam essa antiguidade, já que nela estão inseridas algumas das descobertas mais importantes da região, nomeadamente do período do neolítico/calcolítico.

São exemplos disso os achados arqueológicos da Rua das Padarias e, muito particularmente, o povoado da Quinta da Penha Verde.

Em 1985, os serviços camarários de arqueologia procederam a uma escavação de emergência no prédio nº 14 da Rua das Padarias, em pleno centro da Vila, visto o proprietário pretender efectuar obras de adaptação naquele espaço. Desses trabalhos resultou a inventariação de cerca de 450 artefactos do neolítico final/calcolítico, sobretudo cerâmicas – taças caneladas, taças de bordo denteado, taças crenadas, recipientes decorados a punção, pratos de bordo “almendrado” e vasos esféricos – mas também vários machados de pedra polida, lascas e furadores de sílex. Ainda durante essa intervenção foi encontrada uma estrutura de pedra com cerca de um metro de espessura e que, segundo os arqueólogos, corresponderia à muralha exterior do povoado. Estava assim identificada pela primeira vez, na área urbana do centro histórico de Sintra, a presença humana e a ocupação do lugar num período tão recuado.

Na famosa Quinta da Penha Verde existe um importante povoado, e cujos materiais aí recolhidos apontam para uma ocupação humana desde, pelo menos, o calcolítico médio até à Idade do Bronze (cerca de 1450 a.C.).

As primeiras recolhas no local foram efectuadas em 1949. Mais tarde, em 1957-58, o sítio foi escavado e publicaram-se os dados relativos ao povoado da Quinta da Penha Verde – duas casas circulares com corredor, um silo escavado na rocha, uma calçada, fundos de cabana e troços de muralha. Dos materiais exumados, destaque para as cerâmicas, utensílios de osso, sílices (pontas de seta, elementos de foice, lascas, lâminas e núcleos), machados, enxós, mós, contas de pedra verde, ocre, um alfinete de ouro, uma lâmina de punhal de cobre, etc..

Fica assim comprovada a ancestral ocupação humana na freguesia de São Martinho. Outros exemplos poderiam ser acrescentados a estes, mas não pretende este trabalho ser exaustivo nessa matéria.

A começar na Pré-história, foi sempre constante a presença humana no território. Da época romana também existem documentos arqueológicos que falam dessas vivências. É exemplo disso o sítio romano da Vila Velha, via e provável necrópole romanas da Rua da Ferraria.

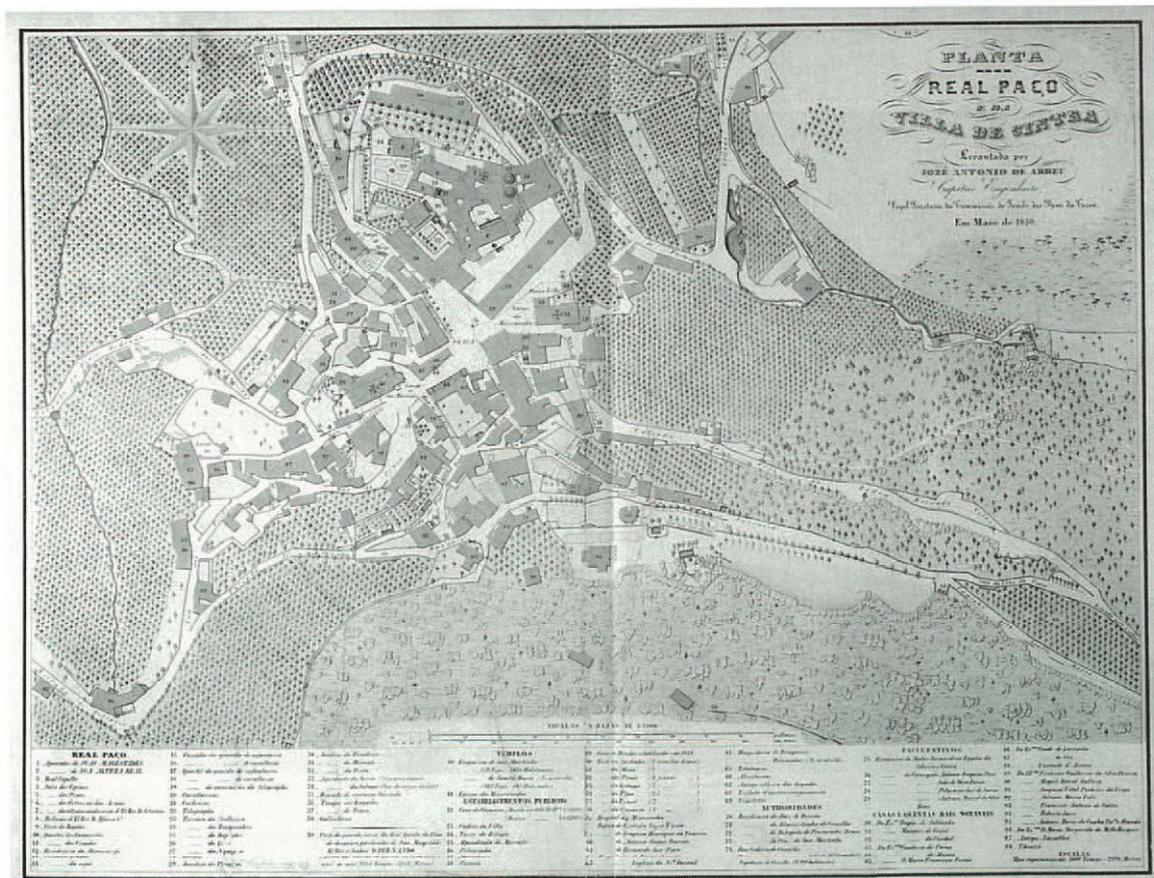
Embora escassos, os vestígios romanos detectados no aglomerado urbano sintrense são, contudo, inequívocos e facilmente datáveis. Entre artefactos de bronze, de cobre e cerâmica, destaca-se o carneiro votivo descoberto no Arraçarão, uma moeda de cobre datada do século IV d.C. proveniente dos silos da Rua Gil Vicente, e os precisos materiais

exumados no prédio nº 14 da Rua das Padarias, com saliência para um fragmento de Terra Sigillata Clara D, tardia, atibuível aos séculos V-VI d.C..

Também em pleno centro histórico de Sintra os arqueólogos colocam muitas probabilidades na existência de uma via romana e necrópole, e que se situa sob a actual Rua da Ferraria, dirigindo-se depois para a Calçada dos Clérigos e Calçada da Trindade. Materiais encontrados apontam para uma via que ligava o aglomerado urbano de Sintra com a zonas rurais a sudoeste da Serra.

No que respeita à romanidade, e ainda dentro do perímetro da freguesia de São Martinho, têm especial relevo os vestígios e achados epigráficos dos lugares de Morelinho, Madre de Deus, Galamares, Janas e Lugar do Marcador (Nafarros). Incrições e materiais exumados nestas localidades profundamente analisados e estudados por Cardim Ribeiro (*Sintria*, 1982-1983, pp. 151 a 476), e possíveis de serem admirados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Certo é que os romanos espalharam pelo território uma série de *villae*, propriedades agrícolas que foram, em simultâneo, fonte de rendimento e de sustento para as populações e, de igual modo, focos locais irradiadores da cultura, da língua e da ciência romana.



2

Dos árabes aos Descobrimentos portugueses

Com a vinda dos árabes que, em 711, derrotaram o último rei visigodo D. Rodrigo nas margens do Guadalquivir e que, num surto rapidíssimo, ocuparam larga parte da Península Ibérica, uma nova era começava para Sintra e, por acréscimo, para o território que constitui hoje a freguesia de São Martinho.

A Sintra terão chegado os árabes por volta de 713, ou seja, apenas dois anos passados sobre a batalha de Guadalete. Aqui edificaram o chamado Castelo dos Mouros, muito provavelmente sobre as muralhas de uma antiga fortaleza, ou castro, já existente.

O fascínio que estes homens, vindos do Norte de África, devem ter sentido por Sintra e pela sua abundância, é bem expresso num texto escrito por Almunime Alhimiari: *«Uma das vilas que dependem de Lisboa no Andaluz, nas proximidades do mar. Está permanentemente mergulhada numa bruma que se não dissipa. O seu clima é são e os habitantes vivem longo tempo. Tem dois castelos que são de extrema solidez. A vila está a cerca de uma milha do mar. Há aí um curso de água que se lança no mar e serve para a rega das hortas.*

A região de Sintra é uma das regiões onde as maçãs são mais abundantes. Esses frutos atingem uma tal espessura que alguns chegam a ter quatro palmos de circunferência. Acontece o mesmo com as pêras. Na serra de Sintra crescem violetas selvagens. Da costa vizinha extrai-se âmbar excelente.»

Por cá permaneceram mais de três séculos, legando-nos a sua cultura e ciência que muito contribuíram para a evolução da região sintrense, a Xentara dos árabes. Das azenhas que aproveitam os cursos dos múltiplos ribeiros que recortam a paisagem local; mais tarde os moinhos de vento, verdadeiros ícones da zona rural; a introdução de novas

culturas e novas técnicas de irrigação; enfim, um progressivo desenvolvimento que ficou, para sempre, gravado na nossa identidade.

De azenhas, há notícia de que existiram várias a funcionar na freguesia de São Martinho, com particular incidência no perímetro à volta do aglomerado urbano da Vila – é exemplo disso a Quinta dos Pisões, onde existia um engenho movido pelas águas para moer azeitona, “os pisões” – e na Ribeira de Sintra, aí aproveitando as águas que correm da chamada Ribeira das Calhordas e que acumula a água proveniente da zona da Quintas dos Pisões, Regaleira e Relógio; e ainda da água proveniente do Rio do Porto que corre hoje subterrâneo desde a Volta do Duche e liga com as anteriores na Ribeira de Sintra para desaguardarem no Rio das Maças.

Aliás, serão também essas águas aproveitadas, já nos finais do século XIX, para alimentarem o antigo Matadouro Municipal que se situava, igualmente, na Ribeira de Sintra.

Mas aquilo que mais ficou impresso na freguesia – como em toda a região de Sintra – da cultura árabe, foi a toponímia, a malha urbana do centro histórico da Vila, de ruelas estreitas e labirínticas, pequenas escadarias, arcos e pátios, a fazer lembrar qualquer outra urbe mourisca, e o Palácio Nacional, cuja origem está, com toda a probabilidade, no antigo paço dos “wallis” mouros situado no Chão de Oliva.

Lançada a empresa das Cruzadas e da Reconquista cristã peninsular, Sintra foi tomada aos mouros por três vezes, posto que depressa voltou a cair na posse dos árabes. Primeiro Sigurd da Noruega, que a caminho da Terra Santa veio pelear em Sintra. Depois, o rei D. Afonso de Leão e Castela chegou a conquistar a vila e o seu castelo. Mas não deixando gente que a defendesse, rápido a perdeu. Também o conde D. Henrique tomou Sintra aos mouros e... pelas mesmas razões o mesmo sucedeu.

Só em 1147, durante o cerco a Lisboa, D. Afonso Henriques haveria de resgatar, definitivamente, Sintra para a posse dos cristãos.

E sete anos mais tarde, em 1154, o primeiro rei de Portugal atribuiu Carta de Foral à Vila. Nascia assim o município e com ele as primeiras quatro freguesias do concelho: São Pedro de Canaferrim (com igreja dentro das muralhas do Castelo e cujas ruínas ainda se podem apreciar), Santa Maria, São Miguel (ambas com sede no Arrabalde), e aquela que nos interessa particularmente para este trabalho – São Martinho, a única implantada no centro do aglomerado urbano da Vila de Sintra.

Quer isto dizer que a freguesia de São Martinho nasceu e cresceu com a Nacionalidade, a Fundação de Portugal e a constituição do Concelho de Sintra.

De origem românica, por certo da segunda metade do século XII, foi a Igreja de São Martinho substituída no reinado de D. Dinis por um templo gótico, como o confirma a lápide de Margarida Fernandes (1334). Sofreu pequenos melhoramentos durante a Renascença e o Maneirismo. Seriadamente danificada pelo terramoto de 1755, foi totalmente reconstruída, mantendo hoje a traça setecentista.

Não deixa de ser curioso o orago escolhido: São Martinho. Este santo homem nasceu na Hungria, mais precisamente em Panónia, por volta do ano 316. A princípio soldado, assinalou-se pelo enorme espírito de caridade que sempre revelou, sendo mais difundido o episódio em que dividiu o seu agasalho com um pobre. Elevado a bispo de Tours em 371, levou o cristianismo ao triunfo no oeste da Gália, organizando as paróquias rurais e os mosteiros. Morreu em Candes, Touraine, no ano de 397.

Ainda durante o reinado de D. Afonso Henriques, outro documento real veio influenciar a freguesia de São Martinho – a entrega da comenda à Ordem dos Templários, fazendo primeiro comendador de Sintra D. Gualdim Pais, grão-mestre daquela Ordem religiosa e militar que tanto viria a contribuir para a fundação do reino.

Aos templários doou o rei, entre outras mercês, umas «*boas casas*» na vila, courelas, azenhas, as rendas da Judiaria e a Mata de Almosquer. Essas «*boas casas*», morada dos cavaleiros do Templo em Sintra, situavam-se onde hoje está o Hotel Central e o Café Paris, mesmo junto ao palácio.

A freguesia foi crescendo com a vila, em gente e importância, durante os séculos seguintes, com particular ênfase no reinado de D. Dinis e de sua mulher, a Rainha Santa Isabel.

Terá sido este monarca quem efectuou as primeiras obras de vulto no antigo paço dos «*wallis*» mouros no Chão de Oliva, transformando-o numa residência real capaz de albergar a corte. E é também por essa altura, mas por acção de sua mulher, que é introduzido em Sintra, como lugar pioneiro juntamente com Alenquer, o Culto do Divino Espírito Santo.

De facto, o rei D. Dinis doara a vila de Sintra à sua mulher e aqui D. Isabel deixou bem enraizado este culto, tão importante na difusão dos valores humanos e farol de esperança do ser português. Do Culto do Divino Espírito Santo em Sintra, chegou a nós as festas tradicionais da aldeia do Penedo e a Capela do Espírito Santo do Paço Real.

Uma das maiores calamidades de que há memória na Europa – a Peste Negra de 1348 – veio afectar, sobremaneira, o progresso de Sintra e, por acréscimo, o da freguesia de São Martinho. Época fatídica, esta doença altamente contagiosa ceifou a vida a milhares

de pessoas. Na freguesia, o desastre também foi enorme, conforme nos comprova Sérgio Luís de Carvalho no seu livro “Anno Domini 1348”, romance histórico baseado em documentação verídica referente a Sintra:

«(...) Dona Beatriz pela graça de Deus Rainha de Portugal e do Algarve, a vós alvazis de Sintra, saúde. Sabede que o vigário e raçoeiros da Igreja de S. Martinho dessa vila, me enviaram dizer como algumas pessoas que morreram na pestilência que passou, deixaram algo à dita Igreja em coisas que lhe mandaram, segundo é conteúdo em notas de instrumentos que foram feitos por Miguel Martins, por Martim D’Armez, Martim Queveo, João Lourenço e Vicente Eanes, que foram tabeliões dessa vila, já passado. (...) e porque os ditos tabeliões morreram na dita pestilência, não puderam haver feitos os ditos instrumentos.»

Duas coisas ressaltam deste documento. Primeiro, que a vila de Sintra possuía, pelo menos, cinco tabeliões, o que é um número bastante avultado para a época e que querera dizer que havia trabalho suficiente para todos eles. Outra coisa que sobressai no texto é que todos eles «morreram na dita pestilência». Se isto aconteceu apenas na classe dos tabeliões, poderemos imaginar quanta não foi a mortandade no resto da população.



Ficou, por certo, a economia da freguesia de São Martinho bastante abalada, sobretudo com a falta de mão-de-obra agrícola que a Peste originou. A falta de cereais, legumes, de gado, depressa se traduziu em fome generalizada. Imaginemos as terras férteis da Várzea ao abandono, incultas por falta de quem as amanhasse; as courelas de Morelinho, de Nafarros e de Janas transformadas em matos porque os braços para cultivar a terra eram escassos. Tempos difíceis, por certo, estes dos meados do século XIV.

E não bastaria a Peste, ainda o século não tinha acabado e viria a guerra para apertar, ainda mais, o cinto e o coração das gentes de Sintra. De facto, entre 1383 e 1385, o povo português correu em massa para lutar pela sua liberdade e independência contra Castela e ao lado de D. Nuno Álvares Pereira e de D. João, o Mestre de Avis.

Neste período crucial da nossa História, por sorte tivemos um cronista fantástico que nos deixou bem relatados muitos dos episódios de relevo que então se passaram. Chamava-se Fernão Lopes (c. 1380-1460) e deu especial atenção a Sintra na *Crónica de D. João*. Depois de levantado o cerco a Lisboa pelas tropas castelhanas, quis o Mestre de Avis recuperar as terras que tinham tomado o partido de Castela, entre as quais se incluía Sintra, e cujo fronteiro era então D. Henrique Manuel de Vilhena:

«E a primeira cousa em que se ocupou depois que el-rei de Castela levantou o cerco, foi tomar os lugares dos arredores da cidade que tinham voz por Castela. E chegou à fala com alguns de Sintra, onde estava o conde D. Henrique Manuel por fronteiro, a cinco léguas da cidade, para que lhe dessem o castelo daquele lugar que é uma grande fortaleza num alto e fragoso monte, com a vila no sopé dele, sem nenhuma cerca que a possa defender.»

Mas D. João não chegou a tomar Sintra pelas armas. O mestre e as suas tropas foram apanhados no caminho por uma violenta tempestade que os dissipou.

Aclamado D. João como rei de Portugal, o primeiro do nome, depressa se afeiçoou muito à vila de Sintra. Para ter morada digna, para si e os seus, mandou efectuar obras de grande vulto no Paço Real. Ainda hoje, muito do que subsiste deste magnífico monumento é obra de D. João I.

E foi por sua causa que os outros reis que depois de si vieram aqui fixaram residência com a frequência que é conhecida. Numa análise que não nos parece, de todo, descabida, poder-se-á dizer que os reis de Portugal foram muitas vezes munícipes de Sintra e fregueses da freguesia de São Martinho!

3

Dos Descobrimentos ao terramoto de 1755

Se deixarmos de parte todos os factores que levaram os portugueses a desbravar o Mundo, os Descobrimentos começam, em termos puramente factuais, com a conquista de Ceuta em 1415, primeira lança em África. E o início dessa fantástica empresa que haveria de levar a Europa ao Mundo e trazer o Mundo à Europa, foi engendrado em Sintra, no Paço Real, na então chamada Sala dos Infantes, hoje Sala dos Cisnes. Da preparação dessa conquista, ficou para a História um episódio chamado “*Favas e Areia*”.

D. João I mandara dois dos seus homens de maior confiança fazerem uma viagem à Sicília com o fim de assinarem um tratado comercial com o senhor daquela ilha. Todavia, essa não era a missão principal desses enviados do rei de Portugal. É que, pelo caminho, haviam de aportar em Ceuta e tirarem um mapa das defesas daquele importante porto comercial, tudo no maior sigilo. Regressados ao reino, juntaram-se todos – rei, infantes, nobres próximos da coroa e os enviados – na Sala dos Infantes do Paço Real de Sintra. Corria o ano de 1413. E quando o rei lhes perguntou pelo mapa da cidade de Ceuta, os dois homens apenas pediram uma carreta de areia, um novelo de fio e meio alqueire de favas. Espantado com aquele pedido, lá D. João I ordenou que lhes trouxessem aquela surpreendente encomenda. E foi então, ali mesmo em frente do monarca e dos infantes, que os enviados moldaram com a areia a geografia de Ceuta, delineando as muralhas com o fio e assinalando as torres de defesa com as favas.

Perante este mapa tão realista, diz a tradição que logo ali se decidiu conquistar aquela cidade do Norte de África. Começava, assim, um dos períodos mais fecundos da História

de Portugal que nos traria muitas novidades, muita riqueza que fez florescer o país, Sintra e, muito particularmente, a freguesia de São Martinho.

Foi nesta freguesia que D. Duarte escreveu muitas das páginas do *“Leal Conselheiro”* e da *“Arte de Bem Cavalgar em Toda a Sela”*. Aqui nasceu e morreu o rei D. Afonso V, um monarca natural de São Martinho; aqui foi aclamado el-rei D. João II. Enfim, aqui D. Manuel I recebeu as notícias do descobrimento do caminho marítimo para a Índia e do achamento do Brasil. Terra de sorte, esta a da freguesia de São Martinho, que viu nascer e fez crescer Portugal.

É neste período áureo da nossa História que são edificados na freguesia alguns dos edifícios mais emblemáticos. É exemplo o Paço dos Ribafria, família nobre natural de Sintra. Gaspar Gonçalves, embora de origem humilde, angariou uma fortuna apreciável e mereceu a confiança da Casa Real. Em 1518, D. Manuel designou-o porteiro-mor da real câmara, posto que o obrigou a estabelecer-se com carácter quase permanente em Sintra. Assim, no ano de 1534, Gaspar Gonçalves ergueu, perto do Paço Real, a sua residência. Mais tarde, em 1541, quando reinava D. João III, foi-lhe outorgado o título nobiliárquico de Senhor de Ribafria, e, em 1569, recebeu o cargo de alcaide-mor de Sintra, lugar exercido por membros da sua família durante várias gerações.

André Gonçalves, filho de Gaspar Gonçalves, veio a casar com D. Luísa de Albuquerque, facto que contribuiu sobremaneira para a consolidação da novel linhagem dos Ribafrias. Foi nessa casa da Vila de Sintra que nasceu André de Albuquerque Ribafria (neto do primeiro Ribafria), militar distinto, morto em 1659 no cerco de Elvas, aquando da Guerra da Restauração.

Porém, em 1727, Pedro de Saldanha Castro Ribafria vendeu o seu paço a Paulo de Carvalho de Ataíde, arcebispo da Santa Igreja Patriarcal, que o legou ao sobrinho, Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, ministro plenipotenciário de D. José I.

Por tudo isto, o Paço dos Ribafria apresenta, logo na sua fachada austera, alterações ocasionadas por diversas campanhas de restauro. Assim, a par das janelas manuelinas, evidenciam-se outras de cunho já pombalino.

A residência é constituída por três corpos dispostos em U, que formam um pátio interior. O acesso a esse pátio processa-se através de um portão circundado por uma singela cantaria chanfrada. Deveras significativo é o átrio abobadado, cujas ogivas assentam num complexo jogo de arcos e nervuras, nascidos dos diversos ângulos. Este átrio está ornamentado com tímpanos de temática medieval, enquanto os fechos de

abóbadas se apresentam já concebidos segundo as renovadas concepções artísticas da época. Destaca-se ainda a existência de dois arcos de volta perfeita, suportados por colunas e capitéis italianizantes, e ornamentados com volutas e carrancas. No capitel central, pode ler-se a seguinte inscrição: «esta obra fez Pero Pexão no anno de myl e quinhêtos XXXIII annos».

Outro caso é o da criação da Misericórdia de Sintra, intuição da máxima importância na assistência social ao longo dos séculos, e da própria Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia. Não se sabe ao certo qual a verdadeira data da fundação da primeira instituição de beneficência de Sintra. Autores há que arvoram uma cronologia anterior ao século XIV. Pelo Tombo quatrocentista/quinhentista de propriedades existente no Arquivo Histórico da Misericórdia, depreende-se uma cronologia muito recuada. Mas essa primitiva instituição não pode ser de modo algum confundida com a Santa Casa da Misericórdia de Sintra, a qual – como veremos – é obviamente muito mais tardia.

Todavia, nenhuma dúvida se tece quanto ao ano da instituição do Hospital do Santo Espírito – que antecede directamente a Misericórdia – o qual remonta, seguramente, ao reinado de D. Fernando I, tal como a construção do primeiro templo.

